

Atena
Editora
Ano 2021

GEOGRAFIA:

**A Terra como palco das relações
entre sociedade e meio**

2

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2021

GEOGRAFIA:

**A Terra como palco das relações
entre sociedade e meio**

2

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Geografia: a terra como palco das relações entre sociedade e meio 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia: a terra como palco das relações entre sociedade e meio 2 / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-622-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.222212211>

1. Geografia. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A obra: **Geografia: A Terra como Palco das Relações entre Sociedade e Meio 2**”, da mesma forma que no primeiro livro, reúne estudos que destacam a Geografia, por meio da compreensão das relações entre natureza e sociedade e da sociedade em si, interseccionando distintas áreas do conhecimento. Conferindo um caráter contributivo ao entendimento do cenário atual, apresenta e alisa estudos recentes e contextualizados, pautados na construção do Espaço Geográfico.

Fruto de esforços de pesquisadores de diferentes regiões e instituições brasileiras, o livro é composto por dez capítulos, resultantes de pesquisas empíricas e teóricas, cujo fio condutor é a relação sociedade natureza. Aborda estudos que abrangem impactos ambientais, turismo, problemas urbanos, gestão ambiental, o território, a educação inclusiva, o ensino de geografia, entre outros. A obra reflete um panorama de realidades socioculturais variadas e distintas entre si, proporcionado maior abrangência e análise espacial, riqueza cultural e diversidade de sujeitos.

Por fim, destaca-se que a obra apresenta pluralidade de ideias acerca dos elementos constitutivos Espaço Geográfico na atualidade. Para mais acredita-se que ela possa conduzir a reflexões na busca de ações que envolvam a construção de uma sociedade sócio-ambientalmente mais harmônica e cidadã, respeitando as diversidades humanas e naturais.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ANÁLISE DOS IMPACTOS AMBIENTAL E SOCIAL NA PRAIA DO CACAU NO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ NO PERÍODO DE VERANEIO

Daiane Araujo Avelino Bezerra

Denielle de Sousa Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2222122111>

CAPÍTULO 2..... 12

AVALIAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL DOS IMPACTOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELO TURISMO EM CANOA QUEBRADA-CE

Davi Rodrigues Rabelo

Lucas Cavalcante Lima

Marcos Ronielly da Silva Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2222122112>

CAPÍTULO 3..... 25

DIAGNÓSTICO ESPACIAL E PLANO DE DESENVOLVIMENTO PARA O MUNICÍPIO DE SANTA ROSA-RS

Eduardo Samuel Riffel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2222122113>

CAPÍTULO 4..... 47

EXPANSÃO URBANA E VULNERABILIDADE AMBIENTAL NO DISTRITO SEDE DE SENADOR CANEDO – GO 2008 – 2018

Antônio Henrique Capuzzo Martins

Beatriz Ribeiro Soares

João Dib Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2222122114>

CAPÍTULO 5..... 59

LEVANTAMENTO PRÉVIO DE ATRIBUTOS SOCIOESPACIAIS E AMBIENTAIS PARA A REALIZAÇÃO DE TRABALHO DE CAMPO NO MUNICÍPIO DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE-MT

Paulo Daniel Curti de Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2222122115>

CAPÍTULO 6..... 70

O TRABALHO DE CAMPO E O USO DE GEOTECNOLOGIAS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE CONCEITOS DE GEOGRAFIA FÍSICA PARA ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Bruno Machado Carneiro

Victor Hugo Amâncio do Vale

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2222122116>

CAPÍTULO 7	83
A MAQUETE TÁTIL NO ENSINO DA GEOGRAFIA PARA O ALUNO DEFICIENTE VISUAL Grazielle Macedo Barreto Sensolo  https://doi.org/10.22533/at.ed.2222122117	
CAPÍTULO 8	95
LUGAR DE FESTA E MEMÓRIA: ESPACIALIDADES DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO CENTRO HISTÓRICO DE PORANGATU Marcos Roberto Pereira Moura  https://doi.org/10.22533/at.ed.2222122118	
CAPÍTULO 9	109
PERFIL SÓCIO ESPACIAL DO IMIGRANTE ITALIANO EM CAMPOS NO PERÍODO DA GRANDE EMIGRAÇÃO ITALIANA Elaine Guimarães Godinho  https://doi.org/10.22533/at.ed.2222122119	
CAPÍTULO 10	124
TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE Valéria Carneiro de Mendonça Regina Glória Nunes Andrade  https://doi.org/10.22533/at.ed.22221221110	
SOBRE O ORGANIZADOR	134
ÍNDICE REMISSIVO	135

LUGAR DE FESTA E MEMÓRIA: ESPACIALIDADES DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO CENTRO HISTÓRICO DE PORANGATU

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 13/09/2021

Marcos Roberto Pereira Moura

Universidade Estadual de Goiás/UnU
Porangatu (docente) e Universidade de Brasília
(doutorando do Programa de Pós-Graduação
em Geografia)
Porangatu – Goiás
<http://lattes.cnpq.br/6766958441661476>

Texto apresentado originalmente no IV Simpósio Nacional de Pequenas Cidades (SINAPEQ) no ano de 2016.

RESUMO: Dotado de identidade, o espaço configura-se em lugar de vida, de memória e identidade. Tudo isso deixa marcas no espaço, garantindo à sua apropriação mediante laços de pertencimento e afeição. O centro histórico de Porangatu é um lugar onde os moradores locais convivem cotidianamente com as memórias edificadas no espaço ou reafirmadas na lembrança. A vida cotidiana carregada de ações práticas e simbólicas é intercalada pelas festas, que são transgressões e ao mesmo tempo dramatizações da vida diária. Esse estudo tem como objetivo compreender a forma como se espacializam as manifestações culturais no Centro Histórico de Porangatu-GO, de modo a entender como as festas e as memórias são responsáveis pelo processo de construção da identidade da comunidade que ocupa esse lugar.

A busca de informações deu-se por meio de pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo. O estudo de campo utilizou-se de instrumentos de coleta como questionários semi-estruturados e roteiros de entrevista. As festas no centro histórico de Porangatu são importantes formas de aproximação do descortinar das memórias e tradições da cidade, assim como da comunidade que ocupa suas imediações.

PALAVRAS-CHAVE: Centro histórico de Porangatu; festa; memórias; Arraiá do Descoberto; Festa da Boa Vizinhança.

PLACE OF PARTY AND MEMORY: SPATIALITIES OF CULTURAL MANIFESTATIONS IN THE HISTORICAL CENTER OF PORANGATU

ABSTRACT: Endowed with identity, space configures itself as a place of life, memory and identity. All this leaves marks on the space, guaranteeing its appropriation through bonds of belonging and affection. The historic center of Porangatu is a place where local residents live daily with memories built in space or reaffirmed in memory. Everyday life loaded with practical and symbolic actions is interspersed with parties, which are transgressions and at the same time dramatizations of daily life. This study aims to understand how cultural manifestations are spatialized in the Historic Center of Porangatu-GO, in order to understand how festivals and memories are responsible for the process of building the identity of the community that occupies this place. The search for information took place through bibliographical, documental and field research. The field study used collection

instruments such as semi-structured questionnaires and interview scripts. The parties in the historic center of Porangatu are important ways of bringing together the memories and traditions of the city, as well as the community that occupies its surroundings.

KEYWORDS: Historic center of Porangatu; party; memoirs; Arraiá do Discovered; Good Neighbor Party.

1 | INTRODUÇÃO

A geografia tem se esforçado, principalmente a partir da década de 1980, por estabelecer a espacialidade de manifestações culturais. A expectativa por entender as formas como a cultura transforma o espaço e influencia as ações e simbolismos, tem levado a ciência geográfica a buscar amparo em outras ciências sociais, que tem avançado um pouco mais em relação aos elementos da cultura e sua interação com o indivíduo e a vida cotidiana. Pois como afirma Claval (1999, p. 65), “aquilo que as pessoas recebem do mundo que as circundam, ou aquilo que elas experimentam é limitado espacialmente e traz a marca de uma época”.

O espaço torna-se importante cenário, que não é estático, mas interage com as ações humanas. A vida cotidiana carregada de ações práticas e simbólicas é intercalada pelas festas, que são transgressões e ao mesmo tempo dramatizações da vida diária. Tudo isso deixa marcas nos espaços, garantindo à sua apropriação mediante laços de pertencimento e afeição. Dotado de identidade, o espaço configura-se em lugar. Lugar de vida, de memória e identidade. Como bem escreveu Carlos (1996, p. 16) “o lugar guarda em si, não fora dele, o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória [...]”.

O centro histórico de Porangatu é um lugar onde os moradores locais convivem cotidianamente com as memórias edificadas no espaço ou reafirmadas na lembrança. Ao mesmo tempo em que novas memórias são elaboradas a partir da vida diária. Essa pesquisa tem por objetivo compreender quais são os contornos espaciais tomados pelas manifestações culturais que dão sentido e identidade ao centro histórico da cidade de Porangatu. Também nos interessa descobrir, qual o papel desempenhado pela memória na construção sociocultural do lugar. Além de serem de extrema importância, a investigação de como as festas dão sentido e forma à ocupação deste lugar.

A fim de se elucidar a problemática em questão, a pesquisa será predominantemente qualitativa, de caráter exploratório. A busca de informações se dará por meio de pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo. O estudo de campo usará como instrumentos de coleta questionários semi-estruturados e roteiros de entrevista. O tratamento dos dados será efetuado por meio da análise de conteúdo.

21 TERRITÓRIOS CATÓLICOS QUE MARCAM AS FESTAS E A VIDA COTIDIANA

Com uma área territorial de 4.820,518 km² (1,42% da área total do estado de Goiás), o município de Porangatu conta em 2021 com uma população estimada em 45.866 habitantes, de acordo com dados do IBGE¹. Uma pequena cidade do interior goiano a qual não se pode dizer que tenha surgido a partir das práticas católicas na localidade, contudo, pode-se perceber a forma como as territorialidades católicas têm participado do processo de urbanização da cidade. Bem como tem sido favorecido as relações sociais, por meio de missas, rezas e festas.

Por motivações da fé, monumentos e templos são erguidos em diferentes lugares e tempos, Porangatu não é diferente, sua paisagem foi inicialmente sendo delineada ao redor da praça da velha igreja matriz de Nossa Senhora da Piedade. Ao longo da história humana a paisagem foi sendo delineada pela devoção às divindades. As práticas religiosas continuam por demarcar territórios, no interior dos quais sentidos e simbolismo são disputados por diferentes escalas de poder. Nesse contexto, os geógrafos encontram possibilidades de investigação na medida em que a experiência da fé ao se espacializar constitui seus territórios religiosos².

Os territórios religiosos da igreja católica foram constituídos em Porangatu a partir da ação, principalmente, dos franciscanos. Contudo, as primeiras ocupações na região se deram a partir das ações de padres da Companhia de Jesus. Os jesuítas ergueram em 1952 na fazenda Pindobeira uma colônia indígena, local onde catequizavam índios Avá-canoeiros, segundo dados do IBGE (1958). Esse núcleo de povoamento, que marca o surgimento da cidade, foi se constituindo ao redor da igreja, e hoje é um importante centro histórico a guardar as memórias locais.

Aproximando-se de completar 68 anos de emancipação política, em agosto de 2016, Porangatu é uma cidade de forte identidade católica. Apesar da inicial ação de evangelização dos jesuítas, os franciscanos³ também tiveram participação decisiva na vida católica em Porangatu. A construção da igreja católica no núcleo inicial de povoamento, não apenas marcou a paisagem local, como também orientou festas e expressões culturais que permeiam as memórias da população porangatuense.

Gil Filho (2008), ao reforçar que a edificação de uma igreja congrega a materialidade do sagrado ao seu conteúdo, explana como sujeitos e lugares são apropriados pela igreja enquanto instituição na formação de territórios religiosos.

Tanto materialidade como conteúdo são amalgamados pelas relações de

1 Estimativas da população residente nos municípios brasileiros referentes ao ano de 2021. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/porangatu.html>. Acesso em 2 de setembro de 2021.

2 O território religioso é um território delimitado por determinada religião institucional, que gerencia o exercício da fé em tal localidade, promovendo uma identidade religiosa (ROSENDAHL, 2012).

3 Os padres franciscanos dirigiram-se ao estado de Goiás por solicitação do então Arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira. Ao ser ameaçado pela escassez de padres, o clérigo goiano enviou o pedido em 12 de setembro de 1943. No mesmo ano desembarcaram em Goiás 14 frades vindos de Nova York, nos Estados Unidos (REF, 2014).

poder e, nesse caso, a Igreja, como ser institucional, apropria-se tanto do lugar quanto de seus atores sociais. Em uma primeira instância, ela altera o lugar em território. Em segunda instância, submete os atores sociais à hierarquia de clero e leigos, com pertença religiosa definida (GIL FILHO, 2008, p. 120-121).

Após a saída dos jesuítas do município, as ações dos franciscanos tiveram grande importância na consolidação do catolicismo nesse local. A paisagem foi edificada por prédios católicos - Casa dos Padres e uma escola - e as ações religiosas e educacionais - como padres e gestores de um colégio - representaram grande contribuição para a delimitação de um território católico e a promoção das territorialidades da igreja romana em Porangatu. Castro (1998) descreve a importância das ações de ordens religiosas, como os franciscanos e jesuítas na expansão territorial do catolicismo em terras goianas.

Promovendo processos de territorialização, a religião marca os lugares de intensos simbolismos e representações. A partir daí ocorre um movimento dialético, em que a territorialidade promove uma identidade religiosa e uma identidade religiosa molda as configurações do território. De acordo com Gil Filho e Gil (2001, p. 48), “A identidade religiosa seria uma construção histórico-cultural socialmente reconhecível do sentimento de pertença religiosa”.

Comunidades que compartilham objetivos comuns estabelecem suas territorialidades configurando dimensões ao território. Sack (2013) reforça a dificuldade de se comparar os níveis de territorialidade encontrados em diferentes instituições e grupos humanos. No entanto, comunidades que compartilham uma crença religiosa estão entre aquelas que apresentam territorialidades em condições mais destacáveis. As crenças religiosas levam a constituição de festas em louvor às divindades. E como reforça Di Méo (2014, p. 229) “em suma, calma ou mais agitada, consensual ou contestatória, a festa participa sempre da unificação dos lugares e dos espaços que compõem seu território”.

A cidade de Porangatu, e mais precisamente o centro histórico dessa urbe, surgiram a partir do ciclo do ouro, mas é inevitável atentar para o fato de que os territórios católicos constituídos tiveram grande influência no processo de urbanização e socialização desse lugar. As festas dedicadas aos santos fortalecem a coesão do grupo além de afiançarem a permanência e a construção de memórias.

3 | O ARRAIÁ DO DESCOBERTO, FESTA (DA COMUNIDADE) E AS MEMÓRIAS DO LUGAR

O Arraiá do Descoberto realizado todos os anos na cidade de Porangatu é considerado o maior e mais tradicional arraiá do norte goiano. No ano de 2015, o festejo chega a sua 36ª edição efetivando-se sempre na última sexta e sábado do mês de junho. Sempre no primeiro dia de festa, a partir das 15 horas, a “carroceata”, formada por várias carroças enfeitadas com temática caipira, convidam os moradores a participarem da festa. As carroças são acompanhadas por carro de som e muitos fogos. Participam do festejo

anualmente, cerca de 10 mil pessoas, segundo os organizadores.

Encerrando o ciclo anual de festas juninas na cidade de Porangatu, o Arraiá do Descoberto é organizado pela Secretaria de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Porangatu, com o apoio de entidades de classe sem fins lucrativos, como, Lions, Rotary, Lojas Maçônicas, CERECA (Centro de Recuperação do Alcoólatra), entre outras. As entidades filantrópicas montam barracões com o objetivo de venderem bebidas e comidas típicas para arrecadarem dinheiro para suas ações sociais. O ingresso para entrada na festa dá-se na forma de doação de um quilo de alimento não perecível. Os alimentos arrecadados compõem cestas básicas a serem doadas a pessoas carentes da cidade.

A festa realiza-se todos os anos no centro histórico de Porangatu, local no qual surgiu a cidade e que ainda são preservadas algumas casas em estilo colonial, além de uma igreja que completa cerca de 200 anos desde a sua construção. O espaço específico de realização da festa é ao redor do Poço dos Milagres, antiga reserva de água porangatuense que os antigos moradores acreditavam ser milagrosa (fig.01).



Figura 01: O Poço dos Milagres, em torno do qual é realizado o Arraiá do Descoberto e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade, local em que cujo entorno se realiza a festa, anteriormente.

Fonte: Marcos Roberto P. Moura, junho de 2015

Contudo, depois de anos de esquecimento, e até de desprezo, a partir da década de 1990, os olhares dos governantes locais e da comunidade voltam-se mais para o centro histórico de Porangatu, sua estrutura, sua memória e tradições. É interessante notar que a memória está “vulnerável a todos os usos e manipulações susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p. 9). Nesse sentido, a antiga Matriz, um dos símbolos da história porangatuense é restaurada. No Centro de Tradições, a edificação de outra conquista em favor da manutenção da identidade e memória local, construiu-se o Museu Ângelo Rosa de Moura. O Poço dos Milagres, outro elemento material de grande relevância para a memória porangatuense recebe nova pintura. Os eventos festivos como o tradicional Arraiá do Descoberto passam a receber maior apoio do governo municipal.

A lenda em torno do antigo poço diz que aquele que beber de sua água se encantará

pela cidade e dela nunca sairá. “É beber e ficar”, diz Dona Iodete, moradora local de 90 anos. Nesse espaço, foi construído entre 1989 e 1993, pelo então Prefeito de Porangatu, Jarbas Macedo Cunha, o chamado “redondel”, quadra em formato circular, com arquibancadas na qual acontecem as danças, como a quadrilha.

A festa em louvor aos santos juninos, iniciada no ano de 1980, foi criada como forma de devoção e diversão entre os moradores que viviam em torno da igreja Matriz Velha. A Manifestação festiva continua a ser realizada no centro histórico de Porangatu, contudo, esta foi deslocada de sua espacialidade original, em torno da igreja, para o entorno do Poço dos Milagres.

A primeira edição da festa, com poucos participantes, foi organizada em 1979, por Pedro Pereira Cunha, que marcava a quadrilha, animando os moradores do chamado “Largo do Descoberto”, segundo relatam os moradores. Auxiliado pela assistente social Fariza Nahas, Pedro Cunha, transformou a festa em um evento de maior abrangência, com o intuito não só de gerar diversão, mas também arrecadar dinheiro para manutenção de ações sociais em Porangatu. Também foi Fariza Nahas quem organizou inicialmente um grupo de idosos, na tentativa de promover a valorização desse grupo etário, que compunha a quadrilha mais aguardada nas noites do Arraiá do Descoberto.

Todos os anos também se apresenta a quadrilha das crianças e dos jovens, mas, sem dúvida, a mais esperada é a quadrilha dos idosos, sendo a última apresentação da noite (fig. 2). Um fato curioso nesta quadrilha é que sempre há mais participantes do sexo feminino no grupo senil, desse modo, alguns jovens sempre participam para comporem par com as idosas. Os idosos que participam da quadrilha, tradicionalmente, em sua maioria, são indivíduos ligados a programas do governo municipal de assistência ao idoso.



Figura 02: A tradicional Quadrilha dos Idosos é o evento mais esperado Arraiá do Descoberto.

Fonte: Marcos Roberto P. Moura, junho de 2015

Durante dois dias, a festa segue animada com a venda de bebidas e comidas típicas das barraquinhas. Os leilões de prendas como pernis assados de leitões, carneiros e frangos, também auxiliam na arrecadação de dinheiro para obras de assistência social e chegam a valores consideráveis para um simples assado. As quadrilhas atraem o público para a quadra de apresentações, onde em seguida se dá início o forró. As bandas que se apresentam durante o arraíá, nos últimos anos, dão preferência a tocarem músicas mais recentes, diferente de alguns anos atrás, quando se valorizavam as músicas de forró mais tradicionais, o que agradava mais aos idosos, que dançavam por muitas horas.

O local de realização da festa também é o ponto mais frio dessa cidade de clima quente no norte goiano. Uma fogueira de dez metros, construída no espaço da festa, é também um grande atrativo no Arraíá do Descoberto. Di Méo (2014) destaca como a topografia e as características do espaço, evidenciados pela festa, tornam-se cena de um espetáculo festivo. A população de Porangatu, acostumada à elevadas temperaturas durante a maior parte do ano, aproveita a conjunção de uma época mais fria no ano com as condições topográficas do local da festa, para experimentar temperaturas mais baixas, que não podem ser sentidas em outros lugares da cidade. A temperatura relativamente fria a qual os porangatuenses experimentam durante o arraíá torna-se um dos atrativos a mais para os participantes da festa.



Figura 03: O espaço da festa do Arraíá do Descoberto é o centro histórico da cidade de Porangatu, delimitado por uma cerca de palhas.

Fonte: Marcos Roberto P. Moura, junho de 2015

O Arraíá do Descoberto, como festa que depende da efetiva participação da Prefeitura Municipal de Porangatu, principalmente da Secretaria de Assistência Social do

município, sofre algumas alterações a cada mandato de um prefeito, sendo que alguns elementos da festa são eliminados ou incrementados em favor da administração municipal. Em alguns anos da festa, por exemplo, não ocorreu o desfile de carroças. Ao passo que, determinado prefeito quis aumentar os dias de festa, de duas para três noites de festejos, iniciativa que não foi muito satisfatória, não se repetindo nos anos seguintes. Contudo, a festa ainda guarda grande parte de seus elementos tradicionais, ocupando importante parte do calendário municipal, sendo aguardada por porangatuenses e alguns moradores das cidades vizinhas que visitam Porangatu.

4 | A COMUNIDADE QUER DE VOLTA SUA IDENTIDADE E SUA FESTA

Os moradores da chamada “Praça Velha” orgulham-se de viver no local onde surgiu a cidade de Porangatu. Esse Ambiente guarda memórias e tradições que ainda persistem nessa parte da cidade. Bem como se orgulham de terem criado a festa mais tradicional da cidade, o Arraiá do Descoberto. O local em que vivem foi tombado pela Lei Municipal 590/84 que “Declara patrimônio histórico do município de Porangatu a Cidade Velha ou Descoberto (PORANGATU, 1984, s/p.)”. Contudo, esse valioso patrimônio material sofre com o descaso do governo municipal, o que acontece é que algumas casas que compunham a imagem do lugar já desabaram. Cada edificação que cai leva consigo parte das memórias impressas na paisagem.

Halbwachs (2003, p. 137) escreveu a respeito da experiência daqueles que tem suas memórias associadas a edificações erguidas na paisagem e deparam-se com a demolição desses prédios:

é inevitável que as transformações de uma cidade e a simples demolição de uma casa incomodem [...] para quem esses velhos muros, essas casas decrepitas, essas passagens escuras e essas ruas sem saída, faziam parte de seu pequeno universo, e cujas lembranças se ligam a essas imagens, agora apagada para sempre[...].

Fazem parte da centralidade espacial do centro histórico a antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade, que conta séculos desde sua fundação. Do conjunto espacial da velha matriz também faz parte o coreto, onde há muito já se silenciaram os grupos de corais. Nessa parte da cidade, a oeste, direção oposta ao sol nascente e a BR-153, a expansão urbana estagnou-se. A construção da BR-153 tirou o município de um longo período de estagnação pós-aurífero e ditou os rumos da urbanização porangatuense (IBGE, 1958). O centro da cidade deslocou-se para o leste assim como as novas edificações se fizeram nessa direção.

O cemitério municipal de Porangatu, o território dos mortos⁴, participando das imediações do centro histórico, marca o limite urbano a oeste. Os que ali estão enterrados,

⁴ Levar os cemitérios para as extremidades da área urbana, ou mesmo além dela, faz parte, de fato, de uma orientação doutrinária do pensamento médico higienista no ordenamento do espaço urbano, mas envolve igualmente um momento de mudança de pensamento em que se declara que os mortos não participam do mundo dos vivos (COSTA, 2003).

fadados ao esquecimento, habitam a porção esquecida da cidade que não vislumbra possibilidade de expansão. O Lar dos Idosos⁵, também há pouco, localizava-se nessas imediações, ao lado do cemitério. O fato é que, o chamado Descoberto da Piedade representa no imaginário da população porangatuense um lugar de velhos e de mortos.

A maioria dos idosos que vive no entorno da velha igreja matriz não participa mais do Arraiá do Descoberto, apenas lembra com nostalgia de outrora, quando brincavam e dançavam a festa em seu “terreiro da frente”. O festejo que localizado frente à igreja recebia as bênçãos dos santos, “desceu lá pra baixo”, onde extinta as rezas iniciais, entregou-se totalmente aos aspectos profanos, como sugerem os moradores.

À medida que a prefeitura local assumia toda a organização da festa e mudava o lugar desta (ainda que continue dentro dos limites do centro histórico), a população local perdia o sentimento de afeição pela festa que criaram há décadas atrás. Halbwachs (2003, p. 86) escreveu que “toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo”. A comunidade local ao ver que sua festa era transferida para outro espaço sentia suas memórias e sua identidade se dissociarem da festa. Era preciso criar uma nova festa que representasse a identidade dos moradores. Foi então que, no ano de 1997, Corina Fagundes Furtado de Oliveira, moradora do entorno da velha igreja matriz decidiu, com a ajuda da família e vizinhos, criar a Festa da Boa Vizinhança. A nova festa do centro histórico, marcada sempre no mês de junho, a celebrar os santos desse mês, surgira com a proposta de resgatar as características originais da festa perdida.

Nesse contexto, contribui a visão de Bezerra (2008), ao asseverar que

as festas, contudo, não têm sido utilizadas somente para afirmar a coesão dos habitantes nas cidades e, portanto, das relações hegemônicas, mas também foram e são utilizadas para construir uma unidade e (re) significar a identidade de grupos subalternizados historicamente.

A Festa da Boa Vizinhança possui um rígido código de conduta para a realização da mesma, que foi redigido e aperfeiçoado no decorrer dos anos pelos seus organizadores. Uma importante regra versa a respeito da espacialidade da festa: em hipótese alguma, esta poderá ser deslocada para outro lugar que não seja no entorno da igreja velha matriz, reforça Corina (Entrevista, 2016). A comunidade teme que aconteça o mesmo que aconteceu com o Arraiá do Descoberto, conduzido de sua localidade inicial, acusa-se da perda de suas características originais.

A cada ano é sorteado um novo casal festeiro para organizar a Festa da Boa Vizinhança, e necessariamente não precisam ser moradores da chamada praça velha, exige-se apenas que tenham participado de pelo menos dois anos da festa. Contudo, se o casal sorteado a dar continuidade à festa não residir no entorno da igreja, deverá pedir

5 O Lar dos Idosos é uma instituição mantida pelo governo municipal que abriga indivíduos da terceira idade que sem condições de cuidarem de si também não possuem parentes que possam ampará-los. Devido às críticas quanto a fato dos idosos serem abrigados ao lado cemitério e aos simbolismos que isso concerne, estes foram transferidos para outro prédio, na rua do Hospital Municipal de Porangatu.

autorização a algum dos moradores para que o festejo seja realizado na frente de sua casa. Na imagem a seguir (fig.03) tem-se a primeira festeira, idealizadora da primeira edição da festa, em 1997 e a última festeira, responsável pelos preparativos em 2016. Mas, o casal festeiro além de contar com a participação da comunidade local, ainda tem o auxílio de Corina e sua família.



Figura 04: À esquerda, Maria Aparecida Gomes Martins (festeira do ano de 2016) e à direita, Corina Fagundes Furtado de Oliveira (criadora da Festa da Boa Vizinhança).

Fonte: Marcelo Pereira de Oliveira, 2016 <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1195181597181976&set=a.1195175727182563.1073742045.100000704421150&type=3&theater>. Acesso em junho de 2016.

Em relação a comidas e bebidas, durante a Festa da Boa Vizinhança, não é admitido que estas sejam vendidas. Tudo o que é consumido pelos participantes da festa é fruto de doação dos próprios moradores da comunidade. Cada família traz pratos típicos do mês junino que, dispostos na mesa, formam um banquete, a ser ofertado gratuitamente. Há sempre aqueles que participam da festividade pela primeira vez, e muitos não contribuem com a comida, mas todos são convidados a compartilharem do alimento, sem qualquer distinção. O consumo de bebidas alcoólicas é proibido nesse festejo.



Fonte: Marcelo Pereira de Oliveira, 2016.

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=119>

5178037182332&set=a.1195175727182563.1073742045.100000704421150&type=3&theater
e <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1195178063848996&set=a.1195175727182563.1073742045.100000704421150&type=3&theater>. Acessos em junho de 2016.

Outra regra a ser seguida, relaciona-se a participação de políticos na festa. É proibida a utilização desse espaço festivo para o discurso de agentes do governo municipal ou estadual. Bem como também são vedadas as alocações de candidatos a cargos políticos que queiram promover sua imagem durante o festejo. São regras que na visão dos moradores da comunidade garantem que a festa continue no mesmo lugar e com as mesmas características, desde quando foi inventada.

Diferente do Arraiá do Descoberto, a Festa da Boa Vizinhança ainda mantém seu caráter religioso, antes da comida, da música e da dança, há a reza do terço em louvor aos santos homenageados no mês de junho. Encerrada a obrigação devocional, a comida é servida, dando-se início logo em seguida à quadrilha improvisada. Existe uma notória tentativa dos organizadores em resguardar o aspecto comunitário, que se vislumbra com a partilha dos alimentos, assim como o momento religioso do festejo, que se efetiva com a reza do terço.

Sem comprometimento com qualquer forma de lucro ou espetacularização que promova o marketing político de qualquer governo, não é feita propaganda da festa. Ainda assim, o número de participantes da Festa da Boa Vizinhança tem aumentado a cada ano, por intermédio do convite daqueles que já conhecem a festividade.

As festas realizadas no centro histórico de Porangatu guardam as memórias daqueles que aqui nasceram ou daqueles que aqui terminaram de se criar. As raízes sertanejas dos moradores são reveladas nos regozijos da festa. A religiosidade católica é expressa pelas atitudes de fé que ladeiam os momentos de euforia nesse território católico. O que essa comunidade busca são festas que, longe de espetáculos festivos, possam refletir a vida simples de seus moradores, seu modo de ser, suas formas de enxergar a vida.

Os indivíduos constroem sua identidade a partir dos lugares em que vivem e da mesma forma dão identidade ao lugar que apropriam, assim, os moradores do centro histórico constroem seu cotidiano e suas festas. Enquanto os espaços representam estranhamento e indiferença, “os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações” (MELLO, p. 08, 2011).

Se a construção da memória ocorre sobre determinado espaço, uma festa somente se torna como tal quando se apropria dos lugares. A partir de Ferreira (2003, p. 05) pode-se dizer que “a essência festiva se define, deste modo, a partir da interpenetração do evento sociocultural com os lugares que lhe dão espaço”. E se a memória é constituída pelas ações do cotidiano, a festa – que para alguns autores é considerada a transgressão e para outros a representação das configurações habituais – torna-se importante elemento constituinte na elaboração da memória coletiva. As pessoas esforçam-se para garantir que as festas sejam coloridas e esperam que as festas possam dar um colorido a mais em suas vidas.

5 | CONCLUSÃO

O centro histórico de Porangatu guarda importantes memórias e tradições que ajudam a contar a história do surgimento da cidade. O patrimônio material do lugar, associado às histórias, lendas e festas da comunidade denotam a riqueza deste ambiente. A vida cotidiana, as festas e representações destes cidadãos são marcadamente influenciados pela fé católica, que estabeleceu importantes territórios religiosos nestas paragens.

O tradicional Arraiá do Descoberto, uma das principais festas da cidade, guarda em sua memória importante registro da história local. É uma festa que atua como um registro da ordem hegemônica e da profunda ligação da comunidade com as práticas do catolicismo, de grande representatividade no lugar. Contudo, a população local reclama o fato de que a festa não apenas foi transferida de seu ambiente original, como tem perdido importantes elementos de sua identidade.

A Festa da Boa Vizinhança representa o desejo de recriar uma festa junina que possa refletir a identidade de seus moradores, em que estejam presentes os sentimentos fraternos de uma comunidade e a expressão de sua religiosidade. Os moradores, localizados no entorno da igreja sentem-se como se tivessem perdido sua festa, o Arraiá do Descoberto, e então, criaram mecanismos para evitar que influências externas possam descaracterizar a nova festa.

O estudo das relações dos indivíduos com seu espaço, operacionalizado por meio da análise da festa, é uma prática bastante promissora à ciência, erroneamente acostumada aos seus ultrapassados métodos positivistas. Inquirir a respeito das memórias, relacionando-as às espacialidades, também nos faz compreender novas dimensões da apropriação espacial. Já que as memórias participam da composição das formas espaciais,

ao mesmo tempo em que, dialeticamente, o espaço atua na formação da memória.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 23, P. 7-18, jan./jun. 2008.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTRO, José Luiz de. **A organização da Igreja Católica na Capitania de Goiás (1726-1824)**. 1998, 236 p. (Dissertação) Mestrado em História das Sociedades Agrárias, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/CASTRO__Jos__Luiz_de_.1998.pdf. Acessado em: 20 de abril de 2014.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural: o estado da arte**. In: Corrêa, R. L. & Rosendahl, Z. (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 59-97.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. Os cemitérios e a espacialização da morte. In: ALMEIDA, M. G. de; RATTI, A. J. P. (Orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 237-260.
- DI MÉO, G. Lá géographie en fêtes. Tradução de Elisa Barbara Vieira D'Abadia. **Revista Plurais Virtual**, v. 2, n. 1, p. 213-238, 2014.
- FERREIRA, Luiz. Felipe. O lugar festivo: a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 7-21, jan./jun. 2003.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Ibpeex, 2008.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto; GIL, Ana H. Corrêa. Identidade religiosa e Territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 39-55.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. 36º v. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. **Revista ACTA Geográfica**, ano V, N°9, jan./jun. de 2011. p.07-14.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.
- PORANGATU. **Lei 590/84, de 18 de abril de 1984**. (s/p).
- REF, Rede Educacional Franciscana. Disponível em: <http://www.refeduc.com.br/institucional/index.vm>. Acesso em: 17 de dezembro de 2014.

ROSENDAHL, Zeny. **Primeiro a obrigação, depois a devoção**: estratégias espaciais da igreja católica no Brasil de 1500 a 2005. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. 2. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2013, p. 63-90.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura 25, 28, 29, 30, 32, 35, 37, 44, 111, 114, 134

Aluno 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94

Ambiente 1, 2, 9, 11, 12, 13, 14, 23, 46, 48, 57, 61, 63, 64, 69, 72, 80, 84, 87, 102, 106

Análise 1, 2, 3, 4, 5, 8, 14, 16, 22, 23, 25, 26, 39, 43, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 61, 63, 70, 71, 72, 74, 75, 81, 96, 106, 109, 112, 122, 124, 128, 132

Aprender 61, 72, 74, 80, 84, 87, 92

Avaliação 12, 15, 16, 17, 20, 22, 23, 24, 30, 57

C

Campo 1, 3, 16, 21, 22, 28, 33, 34, 59, 60, 61, 62, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 85, 89, 95, 96

Cidadania 86

Cidade 1, 9, 33, 37, 38, 45, 48, 55, 56, 57, 61, 66, 70, 74, 75, 85, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 109, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 122, 127, 131, 132

Conhecimento 61, 73, 74, 79, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 116, 126

D

Dados 1, 3, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 29, 38, 39, 45, 48, 52, 59, 60, 72, 73, 75, 76, 77, 81, 93, 96, 97, 121, 123, 126

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 9, 13, 16, 22, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 61, 63, 71, 73, 74, 89, 116, 118, 131, 132, 133, 134

E

Ensino 1, 38, 60, 61, 70, 72, 73, 75, 76, 78, 80, 81, 83, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 134

Espacial 25, 26, 43, 45, 55, 57, 61, 67, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 88, 89, 93, 102, 106, 109, 112, 113, 121, 122, 124, 127, 130, 132

Espaço 3, 4, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 32, 36, 43, 56, 57, 58, 60, 61, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 109, 112, 114, 115, 116, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

Estudo 1, 3, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 46, 47, 49, 51, 52, 55, 56, 59, 60, 61, 69, 74, 75, 76, 77, 94, 95, 96, 106, 109, 133

F

Festa 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

G

Geografia 1, 12, 25, 45, 46, 48, 57, 59, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79, 80, 81, 83, 85, 87, 88, 89, 93, 95, 96, 107, 109, 116, 122, 124, 125, 126, 131, 132, 133, 134

Geotecnologias 70, 72, 73, 74, 80, 81

H

História 11, 69, 73, 80, 96, 97, 99, 106, 107, 115, 117, 122, 124, 126, 132, 133

I

Impactos 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 55, 70, 74, 75

Informação 13, 75, 76, 78, 81, 84, 114, 130

L

Lugar 7, 61, 73, 74, 88, 93, 95, 96, 98, 102, 103, 105, 106, 107, 113, 114, 117, 127, 128, 131

M

Memória 95, 96, 99, 103, 106, 107

Metodologia 3, 11, 16, 17, 21, 29, 47, 48, 49, 71, 75, 80, 124

Município 1, 2, 3, 4, 9, 12, 14, 16, 17, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 64, 68, 76, 81, 97, 98, 102, 110

N

Natureza 3, 13, 23, 62, 63, 68, 81, 84, 86, 90, 94, 113, 122, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

Necessidade 3, 25, 26, 39, 72, 86, 89, 127, 131

O

Organização 13, 24, 25, 57, 76, 103, 107, 112, 118, 127, 129, 130, 131

P

Paisagem 1, 3, 4, 9, 12, 17, 39, 55, 72, 75, 76, 77, 79, 97, 98, 102

Participação 23, 31, 39, 97, 101, 104, 105, 109, 122

Pesquisa 1, 2, 3, 4, 5, 9, 15, 23, 29, 30, 63, 81, 84, 89, 93, 95, 96, 109, 114, 122, 124, 125, 131, 134

Pessoas 1, 2, 4, 5, 7, 9, 12, 28, 33, 36, 37, 41, 56, 64, 80, 85, 87, 88, 89, 96, 99, 106, 110, 118, 127

Planejamento 25, 26, 30, 45, 46, 47, 48, 55, 56, 60, 65, 69, 75, 80, 132, 134

Poder 41, 56, 88, 97, 98, 112, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 133

Problema 79

Professor 60, 61, 68, 71, 74, 79, 80, 134

Q

Questionário 3, 5, 7

S

Social 1, 2, 3, 4, 8, 9, 45, 47, 71, 74, 82, 84, 85, 86, 99, 100, 101, 112, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Sociedade 3, 13, 61, 62, 63, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 80, 83, 84, 85, 86, 88, 93, 113, 115, 118, 127, 129, 130, 131

Socioambientais 14, 15, 16, 21, 22

Sustentabilidade 23, 24

T

Tecnologias 42, 73, 75, 76, 78, 80, 81, 86

Território 14, 57, 63, 66, 69, 71, 72, 75, 78, 97, 98, 102, 105, 107, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Trabalho 7, 9, 11, 12, 14, 17, 25, 27, 30, 37, 38, 39, 51, 56, 59, 60, 61, 62, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 85, 89, 106, 109, 110, 115, 120, 122, 129, 130, 131

Turismo 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 23, 24, 62, 63

U

Urbanização 16, 17, 19, 20, 23, 38, 43, 48, 56, 58, 97, 98, 102, 114, 127, 131

V

Vida 3, 12, 29, 38, 39, 45, 84, 86, 91, 95, 96, 97, 105, 106, 124, 127, 129, 131, 132

GEOGRAFIA:

**A Terra como palco das relações
entre sociedade e meio**

2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



GEOGRAFIA:

**A Terra como palco das relações
entre sociedade e meio**

2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br